

## NOVIDADES DE HÁ DOIS MIL ANOS

(artigo de Alberto Maggi publicado no livro  
APRENDIZ DE SAMARITANO)

Jesus, há dois mil anos, mudou de forma radical dois importantes conceitos-chave comuns a todas as religiões: o de "crente" e o de "próximo".

Na religião hebraica, como nas outras religiões, entende-se por "crente", aquele que obedece ao seu Deus, observando as leis. Já o conceito de "próximo", aplica-se àquele que é objecto de amor por parte do crente.

Jesus mostra-se muito crítico acerca destes dois conceitos e modifica-os completamente. Jesus, Filho de Deus, veio transmitir uma nova forma de relacionamento com um Deus diferente do conhecido.

Nas religiões, incluindo a hebraica, o homem tinha projectado na divindade os seus medos e os seus desejos, as suas frustrações e as suas aspirações, segundo as quais, se o homem era fraco, Deus teria de ser forçosamente poderoso - até mesmo todo-poderoso. Se o homem era injusto, Deus teria de ser justiça perfeita, etc...

Para interagir com esta divindade, tão superior aos homens como a distância que os separa, havia sido reproduzido na religião o relacionamento existente entre os homens e o seu rei - um relacionamento baseado no serviço e na obediência. O serviço destinava-se a obter a proteção por parte de Deus, enquanto a obediência às suas leis, garantia a segurança de praticar a vontade divina. Era assim que se apresentava a religião no tempo de Jesus. Moisés, servo do Senhor, tinha imposto uma aliança entre servos e o seu Senhor, baseada no serviço e na obediência. "Crente" era o que obedecia a Deus, observando as leis. Quanto mais escrupulosa fosse a observância dos mandamentos e preceitos, regras e prescrições, tanto mais o crente pensava estar em comunhão com o Senhor. A obediência às ordens divinas incluía também a oferta dos bens do homem ao seu Senhor para lhe agradecer, para conseguir favores e obter o perdão.

Quanto ao conceito de "próximo", no tempo de Jesus havia um grande debate entre as escolas rabínicas sobre o alcance da palavra. Ia-se desde as mais rígidas e intransigentes posições - para as quais "o próximo" se limitava aos que integravam ao clã familiar ou, no máximo, aos da própria tribo - às mais largas e abrangentes, segundo as quais por "próximo" se entendia o próprio estrangeiro residente em terras de Israel.

Nos evangelhos ressalta a atitude crítica de Jesus acerca destes conceitos aceites e indiscutíveis. No ensinamento e na prática, Jesus distancia-se do que a religião impunha e a tradição ensinava, a começar desde logo pela Lei de Moisés.

Acerca dos mandamentos, Jesus tem uma visão muito própria, causando grande perplexidade aos seus conterrâneos e escandalizando a casta sacerdotal no poder. Jesus parece quase ignorar os mandamentos de Moisés. O seu comportamento é motivo de reprovação por parte dos escribas e fariseus que procuram compreender o que pensa Jesus acerca da Lei de Moisés - formulação da aliança eterna entre o Senhor e Israel. É por isso que se dirigem a Jesus perguntando-lhe qual seja o mandamento mais importante (Mt 22,34-40).

Fazem a pergunta não para aprender, mas para julgar. Sabem perfeitamente qual é o mandamento mais importante - o maior - aquele que o próprio Deus cumpre. Qual? O repouso sabático, quando Deus e a corte angélica cessavam toda a actividade.

Este mandamento não era igual aos outros, mas resumia toda a Lei. Por isso, a observância deste único mandamento equivalia à observância de toda a Lei, enquanto a sua transgressão, punida com a pena de morte, equivalia à violação de toda a Lei. Por isso, a resposta é conhecida. Pretendia-se tão-só ver se Jesus concorda, porque a sua atitude perante os mandamentos de Moisés tinha suscitado algumas dúvidas. (Mt 15,1-20; 9,8)

A resposta de Jesus é desconcertante. Perguntaram-lhe qual fosse o mandamento mais importante e ele, por resposta, não cita nenhum deles! Responde: *Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.* (Mt 22,37-40)

Os seus interlocutores, saduceus e fariseus, ficam confusos. Perguntaram-lhe qual fosse o mandamento mais importante e, em resposta, Jesus não só não cita o mandamento do sábado, nem sequer os outros nove. Em vez disso promoveu a mandamento os simples preceitos contidos no livro do Deuterónimo (Dt 6,5) e no livro do Levítico (Lv 19,18.34).

De igual modo, quando o jovem rico solicitou a Jesus a indicação sobre qual o mandamento a observar para obter a vida eterna, ele respondeu de forma desconcertante.

Os mandamentos, como se viu, tinham como que uma escala jerárquica de valores, sendo o do repouso sabático o mais importante. Mas também para os outros havia diferenças. Os três primeiros, acerca das obrigações para com Deus, eram originais e exclusivos do povo de Israel e acentuavam a diferença com os outros povos. Os restantes sete continham deveres para com as pessoas comuns a todos os códigos religiosos e de ordenamento civil daquele tempo.

Jesus, na sua resposta, não cita os três mandamentos relacionados com as obrigações para com Deus, mas apenas os quatro que se referem às obrigações para com os outros (não matar, não cometer adultério, não roubar, não levantar falso testemunho, honrar o pai e a mãe, Mt 19,18), acrescentando o preceito do levítico acerca do amor para com o próximo (Lv 19,18).

## **Conflito**

O pensamento e o comportamento de Jesus serão sempre motivo de crescente conflito com as pessoas religiosas. Não haverá nenhum problema com os publicanos e os pecadores, mas não será pacífico o confronto com os escribas e os fariseus.

Os verdadeiros opositores de Jesus seriam os crentes ou, mais ainda, os que se consideravam modelo de religiosidade pela sua intransigente observância da lei, preceitos e prescrições religiosas. O conflito tem origem no facto de Jesus apresentar um Deus cuja vontade não se exprime nas leis mas no amor. O que orienta e determina o comportamento de Jesus não é a observância da Lei mas o amor.

E Jesus distancia-se também da lei divina. Quando uma lei é promulgada, imediatamente são discriminados de forma positiva, os que a podem acolher, em detrimento dos que não querem ou não a podem observar. É a lei que divide as pessoas entre seguidores e não seguidores - entre puros e impuros!... É a lei que afasta de Deus determinada categoria de pessoas.

Jesus orienta-se pelo amor. O amor universal que pretende chegue a todos e a todo o lado.

A lei exclui quem não a observa. O amor é oferecido a todos. A Lei está baseada na categoria do mérito; o amor no dom. Para Jesus, não se merece o amor de Deus através do esforço pessoal, mas em função das próprias necessidades. O amor de Deus não é um prêmio mas uma prenda.

O imperativo subjacente aos livros da Lei era "sede santos porque eu, o Senhor, sou santo" (Lv 11,44) e a santidade era conseguida através da obediência aos mandamentos e aos preceitos divinos.

O convite que caracteriza o ensinamento de Jesus está todo centrado na categoria da semelhança. Jesus nunca pede para obedecer a Deus mas para, como Ele, ser amor generoso que se comunica a todos, até àqueles que o não merecem, porque assim é o Pai que "é benevolente para com os ingratos e os maus" (Lc 6,35). Jesus convida a ser como o Pai, aquele que "faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores" (Mt 5,45).

No seu ensinamento, Jesus não pede para obedecer a Deus mas para ser semelhante ao Pai, e é este o fundamento da mudança do conceito seja de "crente" seja de "próximo". Para Jesus, o crente não é o que obedece a Deus, observando as suas leis, mas o que se parece com o Pai praticando um amor semelhante ao seu.

Enquanto Moisés, o servo do Senhor, impôs uma aliança entre os servos e o seu Deus, Jesus, o Filho de Deus, oferece uma aliança entre os filhos e o seu Pai. A primeira está baseada na obediência; a segunda na semelhança.

No evangelho de Lucas, esta importante mudança está ilustrada na parábola conhecida como "Bom Samaritano" (Lc 10,25-37), onde Jesus apresenta duas atitudes contrastantes: a do zeloso observador da Lei e a do que, para além de a não cumprir, era considerado também excluído por parte de Deus: o sacerdote e o samaritano.

A parábola nasce da pergunta de um doutor da Lei a Jesus, sobre o âmbito de "próximo", para poder observar exactamente o preceito: " Ama o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 18,5). Na espiritualidade hebraica era pedido um amor total, absoluto, a Deus: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente" (Lv 19,18), enquanto que, para com o próximo era relativo: "como a ti mesmo". Entre os dois tipos de amor - a Deus e ao próximo - havia uma hierarquia de valores: o amor a Deus estava sempre em primeiro lugar. Jesus, na parábola, mostra o que pode provocar a observância da lei e o amor a Deus, entendidos como valores absolutos.

É conhecida a parábola: um homem foi assaltado por ladrões na estrada que, de Jerusalém (818 m. acima do nível do mar) descia para Jericó (a 258 m. abaixo do nível do mar). Era uma estrada perigosa que percorria lugares áridos e isolados, onde os assaltos eram frequentes. Os ladrões agrediram o homem, roubaram-no e deixaram-no no chão meio morto. Morreria se não passasse alguém que o socorresse. Jesus, com grande sagesa, apresenta essa alma que o poderia salvar! Pela mesma estrada descia um sacerdote:

o ideal. Jericó era uma cidade sacerdotal e de lá, a turno, os sacerdotes deslocavam-se a Jerusalém para prestar serviço. O facto de o sacerdote estar descendo, significava que tinha cumprido a sua semana de serviço no santuário e, por isso, encontrava-se em estado de extrema santidade e purificação... para o ferido nada de melhor! Mas Jesus aumenta a tensão dos que o escutavam, dizendo que ele se apercebeu da presença do moribundo, e ... "ao vê-lo, passou ao largo" (Lc 10,31). Porquê?

É um homem sem coração? Indiferente aos sofrimentos humanos? Pior: é um homem religioso. E a sua religião obriga a que ele, sacerdote em estado de pureza legal, não se aproxime de um ferido porque uma só gota de sangue coloca-o em estado impuro (Lv 21,1). Ensinaram-lhe também que, quando chegar a hora, não poderá nem sequer tocar no cadáver dos próprios pais para não contrair impureza (Lv 21,11).

O sacerdote não se sente tocado pelo drama do homem moribundo. Para as pessoas religiosas, é óbvio que o respeito pela Lei divina é mais importante do que o amor ao próximo. Em caso de conflito entre o bem de Deus e o bem do homem, as pessoas religiosas sabem sempre o que escolher. A Lei ensina que o amor a Deus é mais importante do que o amor ao próximo.

Para Jesus não!... Todas as vezes que estiver em conflito entre a observância da lei divina e o bem do homem, nunca hesitará: fazendo o bem do homem, existe a certeza de que se faz também o bem de Deus. Muitas vezes, para honrar Deus, fazem-se sofrer as pessoas.

O moribundo vai perdendo a esperança, quando aparece um levita, ou seja um responsável pelo culto e cerimónias no templo de Jerusalém. Também ele, em estado de pureza e observante da lei, vê o ferido e passa ao largo.

Para dramatizar ainda mais a situação, depois de passarem duas pessoas santas que o poderiam salvar, eis que aparece um Samaritano - um dos indivíduos mais desprezados e mais longe de Deus que pudesse imaginar-se. O ódio entre judeus e samaritanos era proverbial e os judeus evitavam o mais que podiam, passar pela Samaria, região perigosa por causa dos seus habitantes. O moribundo que o vê pensa que chegou a sua hora. Vai acabar com ele, matando um inimigo e talvez roubando o resto que os ladrões deixaram.

Neste momento culminante da parábola, Jesus joga a melhor cartada, a que provoca estupefacção nos ouvintes.

Para compreender a gravidade e a novidade da afirmação que Jesus fará, é necessário saber que no mundo hebraico se distinguia entre ter compaixão e usar de misericórdia. A compaixão era uma atitude exclusiva de Deus, com a qual o Senhor restituía a vida a quem não a tinha e, na Bíblia, é sempre utilizada para indicar a acção divina. A segunda, a misericórdia, era um sentimento humano. E eis o golpe final: Jesus afirma que o Samaritano "*encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele*" (Lc 10,33-34)

Um homem considerado o mais afastado de Deus, tem o mesmo comportamento de Deus: a compaixão. Inaudito!... Qual dos dois personagens, o sacerdote ou o samaritano, é crente? Para Jesus, o crente não é o que obedece a Deus mas o que se parece com o Pai, manifestando um amor igual ao seu.

A fé no Senhor não se vê por aquilo em que um acredita, mas pelo modo como se ama. Por isso Jesus, no seu ensinamento, declara que o Senhor não pedirá conta aos homens pelas vezes que foram rezar ao templo, mas quantas vezes abriram a porta da sua casa aos estrangeiros. Não perguntará quanto lhe ofereceu, mas quanto deu ao necessitado (Mt 25,31-46).

O doutor da Lei tinha perguntado a Jesus quem era o seu "próximo", ou seja, até aonde deveria chegar o seu amor. Jesus, surpreendentemente, vira-lhe a pergunta: "Qual destes três te parece ter sido o "próximo" daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?" (Lc 10,36).

O doutor fica confuso e, na sua gaguejada resposta, não consegue admitir - ele, defensor da Lei e da tradição - que um homem possa ter tido o mesmo sentimento de Deus: a compaixão. Responde: «O que usou de misericórdia para com ele.» (Lc 10,37). Mas o samaritano, disse Jesus, não teve misericórdia (actividade humana), mas - e utilizou a palavra - compaixão (actividade divina).

Para Jesus o próximo não é quem é amado, mas quem ama. Ser próximo não depende de quem está necessitado mas de quem se aproxima para ajudar. O doutor da Lei queria saber até onde deveria chegar o seu amor. Jesus ensina-lhe onde deve nascer esse amor.

Eis por isso unidos os dois importantes conceitos da fé, o de "crente" e o de "próximo". O crente é o que se parece com o Pai, amando com um amor semelhante ao seu e é este amor que o empurra a tornar-se próximo de quem quer que esteja em dificuldade.

*(Tradução: Rocha Martins e José Louvado)*